

A FEIRA LIVRE DE CANINDÉ-CE COMO MECANISMO DE ESCOAMENTO DAS PRODUÇÕES ORIUNDAS DA AGRICULTURA FAMILIAR

Gabriel Jucá Pereira Oliveira¹

Daniela Queiroz Zuliani²

Fernanda Schneider³

RESUMO

Mesmo antes de se tornar município, Canindé já se destacava na agricultura. Inicialmente habitado por povos indígenas, posteriormente por colonos portugueses, Canindé desenvolveu a agricultura e pecuária, tornando-se um polo agrícola e destaque em número de assentamentos da reforma agrária. Esta pesquisa objetivou fazer um levantamento da importância da feira livre de Canindé para o escoamento dos produtos oriundos da agricultura familiar da região. Foi utilizado questionário para guiar o diálogo com os agricultores-feirantes. Ao todo, foram 12 questionários respondidos. Observou-se que, apesar de a maioria das barracas serem representadas por homens, a figura feminina está muito presente, tanto na produção como na comercialização, embora não receba o destaque que deveria. A feira livre é a principal fonte de renda da maioria dos agricultores-feirantes, que sentiram muita dificuldade com a proibição das feiras no pico da pandemia de Covid-19. Os principais produtos comercializados na feira livre são ovos de galinha caipira, coentro, cebolinha, limão e mamão; além de ervas medicinais, como arruda e capim santo, e artesanais. Apesar de apenas dois entrevistados conhecerem o conceito de “agroecologia”, a maioria dos agricultores-feirantes respeitam os fundamentos da agroecologia e produzem de forma orgânica, reflexo da influência do MST nas produções dos agricultores e na comercialização dos produtos. A maioria dos agricultores-feirantes estão em faixa etária acima de 40 anos, trazendo a preocupação da ausência da juventude nos processos de comercialização.

Palavras-chave: Agroecologia; Comercialização de circuito curto; Reforma agrária; Segurança alimentar.

IDR, Ceará, Discente, gabrieljp@hotmail.com¹

IDR, Ceará, Docente, danielaqzuliani@unilab.edu.br²

IDR, Ceará, Docente, fernanda.schneider@unilab.edu.br³

INTRODUÇÃO

A agricultura familiar é definida pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), como aquela praticada principalmente por mão-de-obra familiar, em uma área de até quatro módulos fiscais, com renda mínima oriunda das atividades agrícolas. Wanderley (2004, p. 43) traz a definição de agricultura familiar na Europa como sendo “estabelecimento familiar composto por duas unidades de trabalho, em geral, o casal familiar”.

As feiras livres são espaços de trocas desde o início da civilização. Se estabeleceram como o principal meio de escoamento dos produtos de agricultura familiar, sendo, além de lugares de comercialização, ambientes de trocas de culturas e saberes (DANTAS, 2008).

O autor Renting et. al. (2012) estabelece que comercialização de circuito curto (CCC) é “um sistema de interrelações entre atores que estão diretamente engajados na produção, transformação (como beneficiar, cortar ou embalar, se caso necessário), distribuição e consumo de alimentos”. Neste contexto, Darolt et. al. (2013) divide CCC em “venda direta”, quando a relação comercial acontece diretamente entre produtor e consumidor, e “venda indireta”, quando há um único intermediário nessa relação.

A comercialização de circuito curto mostra-se benéfica tanto para produtores quanto para consumidores. Além de garantir aos agricultores a venda dos seus produtos, estabelece-se entre agricultores e consumidores uma relação íntima de confiança.

Este estudo teve como objetivos relatar a história da feira livre de Canindé; expressar as características da comercialização agrícola dos agricultores familiares de Canindé; e identificar os principais produtos comercializados na feira livre de Canindé.

METODOLOGIA

A pesquisa foi feita no município de Canindé, há 120 km de Fortaleza, Ceará. Canindé está localizado na região Sertões de Canindé, no coração da Caatinga cearense. Segundo o IBGE (2021), Canindé tem uma população estimada de 77.484 pessoas.

Os estudos iniciaram em maio de 2022, estendendo-se até julho do mesmo ano. Para fins de pesquisa, classificamos aqui como “agricultores-feirantes” aqueles que, estando enquadrados como agricultores familiares, produzem e comercializam seus produtos na feira, sem intermédio de um atravessador.

Elaboramos um questionário de 34 perguntas, divididas em quatro eixos, para aplicar aos agricultores-feirantes. Os eixos e as perguntas que os compõem são:

- Dados pessoais: Nome, gênero, estado civil, origem étnica, grau de escolaridade, idade, renda mensal e porcentagem oriunda da agricultura, acesso a programas sociais, e participação em organizações coletivas.
- Dados da propriedade: Localização da propriedade, distância da sede, forma de acesso à terra, quem trabalha na produção, utilização de agrotóxicos, origem da água, qualidade da água, origem das sementes, acesso à ATER e origem da ATER.
- Dados de comercialização: Produtos de origem animal comercializados, produtos de origem vegetal comercializados, frutíferas comercializadas, local de comercialização (fora a feira), forma de transporte dos produtos, dificuldades na produção, dificuldades na comercialização, tempo de feira, acesso a feira, renda na pandemia de COVID-19.
- Sobre agroecologia: o que você entende por “agroecologia”?

Assim, nos dias 17 e 18 de maio de 2022 estivemos na feira livre de Canindé, com o apoio de representantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), para conversar com os agricultores-feirantes e aplicar o questionário.

Iniciamos o diálogo com a apresentação das nossas propostas e os objetivos principais da nossa pesquisa.

Utilizamos o questionário como referência para guiar as conversas, fazendo todas as perguntas que foram inicialmente propostas, porém, deixamos o espaço livre para que os entrevistados pudessem conversar e expressar suas ideias, sem se prender aos moldes da formalidade de um processo acadêmico. Encontramos in loco 13 barracas comercializando produtos agrícolas, mas conseguimos 12 entrevistas. Cada entrevista durou, em média, 20 minutos.

Em relação à história da feira livre de Canindé, não encontramos registros literários nos quais pudéssemos nos embasar. Dessa forma, nos dias 6 e 8 de julho de 2022 realizamos conversas com o agricultor mais antigo da feira livre e com uma representante do MST Canindé que esteve envolvida na instalação da feira no município.

Os resultados obtidos neste estudo são uma síntese dos dados do trabalho de conclusão de curso (TCC) defendido pelo autor em agosto de 2022 como requisito para obtenção do título de bacharel em agronomia. Ainda, o estudo para a escrita do TCC foi realizado como atividades de bolsista do grupo de extensão Agroecologia Alimentando o Conhecimento, sob orientação da docente Fernanda Schneider e co-orientação da docente Daniela Queiroz Zuliani.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A história da feira livre de Canindé

Canindé é um município historicamente agrícola e religioso. Atualmente, Canindé é o município com maior número de assentamentos de reforma agrária, com 39 projetos federais, além de acampamentos em processo de regularização. Com isso, se fez necessário um mecanismo para promover o escoamento das produções excedentes dos agricultores familiares assentados e acampados.

A feira livre de Canindé surgiu em 2008, com apoio do MST e da Associação de Cooperativas Agrícolas do Estado do Ceará (ACACE). Inicialmente, com 20 famílias, todas de assentamentos e acampamentos, a feira se instalou na praça Cruz Saldanha, no centro da cidade, onde ficaram até 2013, sendo remanejados para a rua Prof.^a Mercês Santos, ao lado da praça.

Desde o início os agricultores-feirantes clamavam por um espaço destinado ao comércio dos produtos de agricultura familiar, já que os espaços que estavam ocupando apresentavam muitos problemas, como exposição dos produtos à sujeira, ausência de uma estrutura de conservação de produtos perecíveis e precariedade das barracas construídas com lona e caixas de plástico. Em maio de 2022, o Poder Público municipal assinou uma ordem de serviço para a construção de galpão da agricultura familiar, que acomodará os feirantes. Nas entrevistas, os agricultores-feirantes mostraram-se insatisfeitos com a localização do galpão, que está sendo construído na saída da cidade, distante do local atual da feira livre.

Como a pandemia de Covid-19 e as medidas preventivas adotadas pelo Governo do Estado, as atividades da feira livre de Canindé foram paralisadas, retornando oficialmente no início de 2022.

Os agricultores-feirantes que constroem a feira livre de Canindé

No período da pesquisa, observou-se que a maioria das barracas eram compostas por mais de uma pessoa, membros da mesma família. Dos 12 entrevistados, 83% são do gênero masculino e 17% do gênero feminino. Não deixamos de observar que em quase todas as barracas havia mulheres presente, porém, os homens assumiram o papel de representar suas barracas. Esse é um retrato que se repete nas pesquisas de atividades no campo. O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), no Anuário das Mulheres Brasileiras de 2011, estabelece que as mulheres ocupam 5% dos empregos permanentes, enquanto homens ocupam 22%. Em empregos temporários, 6% são ocupado por mulheres e

17% por homens. As atividades de renda por conta própria são ocupadas em 32% por homens e 11% por mulheres. 3,7% são empregadores (homens) e 0,8% empregadoras (mulheres). O cenário muda quando comparamos atividades não remuneradas (11% são homens e 31% são mulheres) e de autossuficiência (14% são homens e 47% são mulheres). Esses dados traz a perspectiva de que a mulher rural, assim como no meio urbano, não recebe as mesmas oportunidades de trabalho que homens, embora esteja ocupada sem remuneração, como trabalhos domésticos e de cuidados.

Identificamos que 67% dos agricultores-feirantes estão casados ou em união estável, 17% estão solteiros, 8% divorciados e 8% viúvos. O estado civil tem importância no meio rural tanto como força de trabalho, como em aspecto social. Geralmente, um estabelecimento de agricultura familiar é composto por um casal que exerce a maior parte da mão-de-obra aplicada na agricultura. Em casos em que o agricultor, ou agricultora, está solteiro ou viúvo, ele recebe ajuda de outro indivíduo, normalmente um parente ou vizinho.

No estudo "Mulheres rurais atuando no fortalecimento da agricultura familiar local", Ramos (2014) afirma que 85% das mulheres entrevistadas estão casadas ou em união estável, e defende essa afirmação justificando que o matrimônio assume o papel de "projeção social, respeito na comunidade em que vivem e até mesmo representação social".

Dos agricultores-feirantes entrevistados, 83% se autodeclararam pardos, 9% pretos e 8% indígenas (Karão Jaguaribaras). Em relação a escolaridade, 42% não concluíram o ensino fundamental, 25% concluíram o ensino médio e 25% são analfabetos. A maioria dos feirantes têm entre 41 e 50 anos (42%), enquanto 25% têm entre 51 e 60 anos, acima de 60 anos (25%), e 8% têm entre 31 e 40 anos.

A renda obtida através da referida feira representa menos de um salário-mínimo por mês para 58% dos feirantes, e 42% afirmaram ter entre um e dois salários-mínimos. Apesar disso, 10 dos 12 agricultores-feirantes alegam que tiram da feira livre entre 75 e 100% do seu sustento. Esses dados coincidem com os encontrados por Soares et. al. (2016), que registrou, em 2003, que 65% da população rural nordestina vive na pobreza e 30% na extrema pobreza. Segundo o autor, os números foram reduzidos com o passar dos anos com a aplicação de políticas públicas concentradas nessas regiões, como programas de transferência de renda (Bolsa Família) e de aquisição de produtos da agricultura familiar (PAA e PNAE), chegando a 36% da população em situação de pobreza e 8% de extrema pobreza.

Outro fator importante para ser registrado é que alguns agricultores-feirantes comercializam, além das suas, produções de outros agricultores da comunidade, entregando o dinheiro integral das vendas, ou retendo uma parcela, de acordo com o combinado entre as partes. Essa prática está ligada à dificuldade de deslocamento dos agricultores quem moram na zona rural, já que o transporte das mercadorias é de total responsabilidade dos próprios agricultores.

Em relação ao uso de agrotóxico nas produções, 64% dos agricultores-feirantes nunca usaram qualquer tipo de agrotóxico; 18% já utilizaram, mas não utilizam atualmente; e 18% ainda utilizam. Esses dados estão intimamente ligados à política de agroecologia adotada pelo MST. Hoje em dia, a feira livre não é ocupada somente por agricultores de assentamentos do MST, mas ainda é a maioria, o que explica os 82% de agricultores que buscam produzir de forma agroecológica.

A possibilidade de variedade de produtos na feira livre de Canindé é prejudicada pela falta de estrutura disponível aos agricultores-feirantes. Muitos produtos de origem animal não podem ser comercializados por falta de acondicionamento adequado. O principal produto de origem animal vendido são ovos de galinha caipira. Apenas um, dos 12 entrevistados, comercializa carnes e leite, porém, somente por encomenda. Outros itens de origem animal comercializados são doces de leite, nata, peixe e queijo coalho. Dos itens de origem vegetal, os principais produtos são coentro, cebolinha, batata-doce, batata inglesa, feijão, cebola, tomate, entre outros. As principais frutas são limão, mamão, banana e ata. Ainda, outros itens também são

muito procurados em algumas barracas, como ervas medicinais (arruda, babosa, capim santo, cidreira, gengibre, mastruz e romã) e artesanais (bordados e vassouras de palha).

Com a pandemia de Covid-19, a feira livre foi interrompida em 2020. Essa medida, apesar de ter sido necessária para conter a onda de infecções, tirou a principal renda dessas famílias. Alguns agricultores-feirantes continuaram fazendo feiras ilegalmente. Outros buscaram outras formas de escoar seus produtos, como as vendas na comunidade e por delivery. Também houve agricultores que conseguiram auxílio emergencial ou que buscaram outras fontes, como é o caso de uma agricultora que trabalhou na farmácia de um amigo. A pandemia evidenciou a importância das feiras para a manutenção da economia dessas famílias.

Apenas dois dos entrevistados souberam conceituar “agroecologia”, embora a maioria a praticasse no dia a dia no campo. Isso nos traz o alerta do abismo que ainda existe entre a academia e a comunidade rural.

CONCLUSÕES

Concluimos que a maioria das barracas da feira livre de Canindé são representadas por homens, embora as mulheres estejam presentes e sejam parte indispensável dos processos de produção e comercialização agrícola. Grande parte dos agricultores-feirantes estão acima de 40 anos, mostrando a ausência da juventude nos processos de comercialização. A pandemia de Covid-19 mostrou que a feira livre é um mecanismo de extrema importância para o escoamento dos produtos de agricultura familiar e necessita de maior investimento em estrutura para garantir a esses agricultores um espaço de justo comércio.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à PROEX pelo fomento e incentivo à extensão universitária na UNILAB, assim como ao grupo de extensão Agroecologia Alimentando o Conhecimento e seus colaboradores. Agradecemos ainda aos agricultores que se dispuseram a nos receber e contar suas histórias, e aos representantes do MST Canindé por criar pontes e vínculos entre a academia e os agricultores familiares.

REFERÊNCIAS

BARROS, Francisco Blaudes Sousa. Japura: um relato das entranhas do conflito. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2013. 226 p. Disponível em: http://www.nmspp.net.br/arquivos/para_leitura/camponeses_e_ditadura/Japura%20-%20Um%20relato%20da%20entranhas%20do%20conflito.pdf. Acesso em: 14 dez. 2021.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. Feiras no Nordeste. Mercator: Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, v. 7, n. 13, p. 87-101, jan. 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2736/273620629009.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2022.

DIEESE (Brasil). Secretaria de Políticas Para As Mulheres (org.). Trabalho e autonomia da mulher: agricultura familiar. In: DIEESE (org.). Anuário das mulheres brasileiras. São Paulo: Diesse, 2011. p. 131-136. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/anuario/2011/anuarioMulheresBrasileiras2011.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2022.

IBGE. Canindé: população. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/caninde/panorama>.

Acesso em: 02 ago. 2022.

IDEC. Rota dos Orgânicos. Revista do IDEC, São Paulo, n. 162, p. 20-23, fev., 2012. Disponível em: https://www.idec.org.br/uploads/revistas_materias/pdfs/ed-162-pesquisa-organicos.pdf. Acesso em: 28 jun. 2022.

INCRA (org.). Canindé: referência de luta pela reforma agrária no ceará. referência de luta pela reforma agrária no Ceará. 2020. Disponível em: <https://50anos.incra.gov.br/caninde-referencia-de-luta-pela-reforma-agraria-no-ceara/#:~:text=Entre%201985%20e%202020%2C%20o,Fomento%2C%20Fomento%20Mulher%20e%20Semi%C3%A1rido..> Acesso em: 16 out. 2022.

RAMOS, Crystiane Pontes. Mulheres rurais atuando no fortalecimento da agricultura familiar local. Gênero, Niterói, v. 15, n. 1, p. 29-46, set. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/download/31200/18289>. Acesso em: 09 jul. 2022.